

**Desordem informacional centrada na masculinidade:  
práticas da nova direita do Brasil nas mídias sociais**

*Informational disorder centered on masculinity:  
practices of Brazil's New Right on social media*

Angelo Francisco FRUET<sup>1</sup>

**Resumo**

A nova direita brasileira começou a ganhar notoriedade no governo de Dilma Rousseff, especialmente na organização das manifestações que culminaram no golpe parlamentar de 2016. Com uso massivo das mídias sociais aliado a uma retórica agressiva repleta de mentiras, muitas delas baseadas no gênero e na masculinidade, derrubaram Rousseff, elegeram Bolsonaro em 2018 e um Congresso conservador em 2022. Ante o exposto, e com apoio da análise do discurso de Charaudeau (2005), pretendemos entender como a nova direita do Brasil faz uso de discursos fundamentados na identidade masculina para produzir desordem informacional nas mídias sociais. Os resultados evidenciaram que tal desordem tem como alvo pessoas de masculinidades subalternas, visa criar pânicos morais e a manutenção de uma guerra cultural constante, além de intentar deslegitimar veículos confiáveis de comunicação, como a TV Globo, para emplacar narrativas disruptivas, contraditórias as baseadas em checagens e na ciência.

**Palavras-chave:** Desordem informacional. Gênero. Masculinidade. Nova direita.

**Abstract**

The new Brazilian right began to gain notoriety during Dilma Rousseff's government, especially in the organization of manifestations that culminated in the 2016 parliamentary coup. With massive use of social media combined with aggressive rhetoric full of lies, many of them based on gender and masculinity, overthrew Rousseff, elected Bolsonaro in 2018 and a conservative Congress in 2022. In view of the above, and with the support of discourse analysis of Charaudeau (2005), we intend to understand how the New Right in Brazil uses discourses based on masculine identity to produce informational disorder on social media. The results showed that such disorder targets people with subaltern masculinities, aims to create moral panics and maintain a constant cultural war, in addition to attempting to delegitimize reliable media outlets, such as TV Globo, to spread disruptive narratives, contradictory to those based on checks and science.

**Keywords:** Information disorder. Gender. Masculinity. New Right.

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM). Bolsista CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. E-mail: angelo.fruet@acad.ufsm.br

## Introdução

É sabido que durante toda sua História o Brasil foi governado por homens da elite branca que sempre defenderam seus interesses. Em 2002, pela primeira vez, o país elegeu um representante da classe trabalhadora, Lula da Silva, que fez um governo que começou a inserir os pobres no orçamento, caminhando na corda bamba para não desagradar os interesses da já citada elite. Reeleito em 2006, Lula deu continuidade a uma série de projetos sociais, com especial destaque ao das cotas nas universidades, que colocou no ensino superior centenas de milhares de homens de masculinidades subalternas - pobres, negros, indígenas - e também mulheres de extratos sociais marginalizados, antes invariavelmente condenadas a nenhum futuro na dependência econômica de homens possessivos e violentos.

Em 2010 Dilma Rousseff foi eleita presidenta, assim como Lula da Silva pelo Partido dos Trabalhadores, e saltava aos olhos o descontentamento geral de setores reacionários da imprensa, visível nas críticas à petista, por seu jeito de falar, de se relacionar com as pessoas e, sobretudo, de governar. No fim de contas, considerava-se Dilma uma mulher fora de seu lugar e que dali tinha que ser removida a qualquer custo.

Mas do que isso, os homens deixavam claro que não queriam ser liderados por uma mulher. Comprovando a premissa anterior, pouco tempo depois da posse de Rousseff emergiram manifestações nas mídias sociais, com destaque para as encabeçadas por Jair Bolsonaro, à época um desconhecido deputado federal, que começou a ganhar notoriedade ao alardear de um suposto “kit gay” que estaria sendo distribuído nas escolas a mando da gestão petista.

O assunto começou a pautar as discussões nas mídias sociais - e também em alguns extratos da mídia *mainstream* - mesmo quando ficou comprovado que era falso. É nesse momento que os direitistas começaram a perceber o poder dos discursos centrados na identidade, principalmente na masculina, pelo desconforto dos homens historicamente acostumados a mandar e descontentes em ter que dividir os mesmos espaços com pessoas que eles consideravam (e ainda consideram) inferiores. Estamos falando de negros, gays, mulheres e minorias de uma forma geral.

Assim, este trabalho tem o objetivo de entender como a nova direita do Brasil faz uso de discursos fundamentados na identidade masculina para produzir desordem informacional nas mídias sociais. O objeto empírico serão três peças com desordem

informacional detectadas por agências de checagem e jornais profissionais (Lupa e O Estado de São Paulo, respectivamente), que abordam a identidade masculina e disseminadas nas mídias sociais. A metodologia utilizada será análise do discurso de Charaudeau (2005).

### **Desordem informacional e a nova direita**

A desordem informacional diz respeito a disseminação de conspirações, rumores, fraudes, conteúdos partidários, falsidades ou mídia manipulada misturados com conteúdo genuíno (WARDLE, 2020). O fenômeno é dividido em três tipos: desinformação, quando "é um conteúdo intencionalmente falso e criado para causar danos (WARDLE 2020, p.10), mesinformação (*misinformation*), quando a desinformação é compartilhada e também em casos que as pessoas compartilham sem saber que é falso e malinformação, é dizer, "informações genuínas que são compartilhadas com a intenção de causar danos" (WARDLE, 2020, p.10), quase sempre fora de contexto.

A desordem informacional é estrategicamente criada, principalmente nas mídias sociais, para tirar algum tipo de vantagem, que pode ser financeira, ideológica, busca por *status* e atenção ou as três combinadas (MARWICK; LEWIS, 2017). No primeiro caso, obtém-se lucros com visualizações e ganhos de publicidade, no segundo, com a obtenção de cargos públicos ou corrosão da imagem de opositores, no terceiro se obtém capital social. Também se pode usar questões ideológicas para tirar vantagens econômicas e ganhar atenção, como por exemplo quando se cria um vídeo sobre política no youtube que é monetizado com propaganda e ganha *likes* e seguidores. Assim, os indivíduos distribuem conteúdo enganoso para promover sua visão de mundo, para ganhar dinheiro, por interesse em propagar certas estruturas e para tentar afetar a opinião pública (MARWICK; LEWIS, 2017).

As práticas anteriormente citadas, e a desordem informacional de uma forma mais ampla, são largamente usadas pela chamada nova direita do Brasil. Essa nova direita pode ser definida como um movimento conservador nos costumes e liberal na economia que avançou concomitante a popularização das mídias sociais. É nova porque age em um "novo cenário de alvos e meios de atuação, tais como a multiplicação de instrumentos de luta política" (CEPÊDA 2018, p.52) que incluem o manuseio de retóricas agressivas, mobilizações de massa e o uso massivo de mídias sociais (CEPÊDA, 2018).

Messenberg (2019) contribui contando que a nova direita é composta por grupos com diferentes matizes ideológicos e tipos de discursos, nos quais não existe fronteiras e limites definidos entre um e outro. Via de regra tais grupos vivem se autofagiando, objetivando maior controle e posições de poder, nos quais o bolsonarismo está se saindo melhor nos últimos anos, tendo como norte os ensinamentos de Olavo de Carvalho e seus seguidores (MESSEMBERG, 2018).

Relatam Ribeiro; Lasaitis & Gurgel (2016) que entre as principais características da nova direita brasileira estão o racismo e o preconceito, salientados na postura contra cotas raciais; a homofobia, destacando a repulsa ou condenação à homoafetividade; o desrespeito aos Direitos Humanos, pela defesa da redução da maioridade penal e da pena de morte e justificativa para o uso da tortura; as questões religiosas, sobretudo pelos fundamentalismos e intolerância baseada em argumentos religiosos. Também se destacam o machismo e o antifeminismo com:

justificativas acerca da inferioridade natural feminina; argumentos a favor da manutenção do papel tradicional da mulher na família; condenação do direito ao aborto; condenação das leis de proteção à mulher; negação da existência do machismo; culpabilização da mulher em casos de estupro ((RIBEIRO; LASAITIS & GURGEL, 2016, p.5).

Percebe-se, deste modo, a centralidade do gênero no discurso dos neodireitistas, mais precisamente os relacionados a masculinidade e de seu desejo de manter o poder, óbvio na crítica ao discurso feminista e do que ele defende, a saber, igualdade entre homens e mulheres. Outro ponto importante é o apontado por Leandro Demori em 2021 no The Intercept Brasil, que citando documentos do Wikileaks demonstra que as manifestações dos anos que antecederam o golpe parlamentar de 2016 criaram um grande caos que foi utilizado para captar conservadores dispersos e criar uma estratégia centrada em *fake news* que em 2018 elegeria Bolsonaro à presidência. Este movimento mirou nas mídias sociais suas ações sobretudo no combate ao que eles chamam de ideologia de gênero. O mesmo fenômeno foi percebido em 2022, quando Bolsonaro perde a eleição à presidência, mas que a direita consegue eleger um Congresso conservador a ponto de ter autonomia para pautar projetos importantes, como a descriminalização do aborto e o casamento homoafetivo.

## Estudos de gênero centrados na masculinidade e a apropriação conservadora

É importante ter em conta que o poder de gerir as mais diversas esferas da sociedade está, em boa parte dos casos, relacionado ao gênero. Este conceito diz respeito a "uma conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder" (SCOTT, 1997, p.86). Isto é:

o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado. O gênero não é o único campo, mas ele parece ter sido uma forma persistente e recorrente de possibilitar a significação do poder no ocidente, nas tradições judaico-cristãs e islâmicas (SCOTT, 1997, p.88).

Assim, o gênero "fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre as várias formas de interação humana"(SCOTT, 1995, p.89). O pensamento de Joan Scott aproxima-se do de Jane Flax (1992), quando a última diz que as relações de gênero são processos formados por partes interligadas que "são interdependentes, ou seja, cada parte não tem significado ou existência sem as outras (FLAX, 1992, p.228). Preciado (2007), por seu turno, afirma que o conceito de gênero introduz uma ruptura, já que se constitui no primeiro momento reflexivo da economia de construção do sexo. Surgiu na medicina e "deixa emergir seus fundamentos arbitrários, seu caráter construtivista e, portanto, abre a porta para novas formas de resistência e ação política" (PRECIADO, 2007, p. 3).

Embora ligados a estudos feministas, atualmente os estudos de gênero também discutem o masculino. Nota-se o surgimento de estudos históricos, antropológicos, sociológicos, ou seja, interdisciplinares, sobre masculinidade (RAGO, 1998). Evidencia-se, desta maneira, que a categoria gênero possibilita os estudos sobre os homens em um campo teórico e temático renovado e redimensionado de forma radical (RAGO, 1998).

Kimmell (1998) usa masculinidades no plural para dizer que existem diversos tipos de masculinidades, que são construídas socialmente, que mudam de cultura para cultura e na mesma cultura no passar dos tempos e "variam no decorrer da vida de qualquer homem individual" (KIMMELL, 1998, p.105). Kimmel (1998) sustenta ainda que:

as masculinidades são construídas simultaneamente em dois campos inter-relacionados de relações de poder – nas relações de homens com mulheres (desigualdade de gênero) e nas relações dos homens com outros homens (desigualdades baseadas em raça, etnicidade, sexualidade, idade, etc.). Assim, dois dos elementos constitutivos na construção social de masculinidades são o sexismo e a homofobia (KIMMELL, 1998, p.105).

Connell (2013), por sua vez, detecta que na sociedade existe uma masculinidade hegemônica, representada por homens que detém tanto o poder político quando o econômico. Esta masculinidade pleiteia que todos os outros homens se posicionem em relação a ela, no intento de legitimar ideologicamente seu domínio, que vai além da esfera masculina pois também trabalha para naturalizar a subordinação global das mulheres aos homens (CONNELL, 2013). São partes da masculinidade hegemônica indivíduos que tiram vantagens do patriarcado e que dominam mulheres e outros homens, neste último caso varões geralmente pertencentes a minorias étnicas e raciais (CONNELL, 2013).

Curiosamente, as discussões sobre o assunto na contemporaneidade, em especial nos debates nas mídias sociais, estão sendo monopolizadas pelo campo conservador, que busca um retorno ao passado, onde os homens tinham o poder. Não se quer uma igualdade, se quer a manutenção ou retorno das diferenças e para este fim, usa-se todo tipo de estratégia, incluindo a produção de desordem informacional, sobretudo nas supracitadas mídias sociais, onde inexistem filtros. Para entender este fenômeno, analisaremos agora três casos.

### **Análise e discussão**

Como metodologia nos basearemos na análise do discurso de Charaudeau (2005), que pode ser definida como a articulação entre as dimensões psicossociológicas envolvidas num ato de linguagem, principalmente a identidade, com as dimensões propriamente linguísticas, ou seja, as propriedades formais e semânticas do discurso em questão. No nosso caso, vamos aplicar o esquema que Charaudeau (2005) usa para analisar o que ele chama de contrato comunicacional ou languageiro. Tal esquema basicamente tem quatro pontos: 1) Mundo a significar; 2) Sujeito falante; 3) Como o mundo é significado e 4) Quem é o sujeito falante destinatário. Partindo das conclusões destes quatro pontos vamos ainda mobilizar autores com estudos mais cristalizados sobre o tema tendo em vista dar um maior embasamento teórico ao nosso trabalho.

Assim, primeiramente, colocaremos as três peças de desordem informacional e em seguida faremos a análise e discussão. Aclaramos que utilizamos peças de desordem informacional em preferência a notícias, uma vez que não são notícias, apenas textos, as vezes bastante simples e toscos, propositadamente produzidos desta forma para facilitar a propagabilidade, pois são de interpretação fácil e dão a impressão de que foram criados por indivíduos descontentes que resolveram protestar contra a situação do país.

**Peça 1 - Unidade LGBTQ+ no Exército**



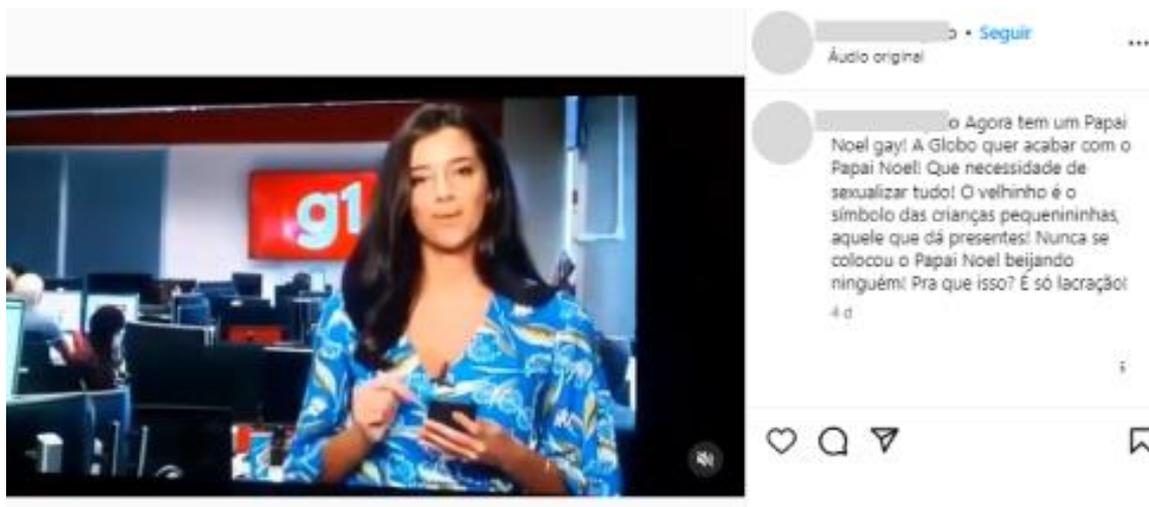
Fonte: Estado de São Paulo (2023)

**Peça 2 - Indicado de Lula em casamento gay**



Fonte: Lupa (2023)

## Peça 3 - Papai Noel dos Correios gay



Fonte: Lupa (2023)

Na peça 1, “Unidade LGBTQ+ no Exército”, o mundo a significar é o que a esquerda volta ao poder, nota-se pela data, fevereiro de 2023, e já modifica a ordem atingindo os costumes tradicionais e colocando em risco a família e a própria pátria, pois estaria “ideologizando” as forças armadas. O sujeito falante, mesmo aparentando neutralidade, é alguém identificado com a direita, por estar atacando pautas caras à esquerda. Não é José Canuto, segundo a checagem do Estado de São Paulo (2023) não existe um jornalista com esse nome no G1 e claro, não está no G1, apenas está emulando um site confiável. O mundo significado é um onde a esquerda tomou o poder e começou a fazer mudanças que levariam o país ao caos e destruição. Por fim, vê-se que o sujeito falante destinatário são pessoas que apoiaram o ex-presidente Bolsonaro, com o objetivo de mantê-los mobilizados após a derrota. Então, assume-se que o efeito pretendido pela comunicação é manipular discursos sobre gênero para preservar ativa a guerra cultural conservadora acionando temas que funcionaram no passado usando desinformação, que é o tipo de desordem informacional onde tudo é mentira.

Importante pontuar que a noção de guerra cultural é empregada para descrever o embate entre uma visão conservadora e tradicionalista, associada à direita, e outra progressista, associada à esquerda (HUNTER, 1991). Solano, citada por Dos Santos (2019), sustenta que a guerra cultural nos dias atuais é uma reação à visibilidade política de grupos minoritários, antes sem nenhuma expressividade no espaço público, como o movimento LGBTQ+ e sua luta pelo casamento igualitário, “o movimento negro e o movimento feminista, com pautas como equiparação de salários e o direito ao aborto,

questão que também mobiliza valores relacionados à religião" (SOLANO apud DOS SANTOS, 2019, p.185).

Na peça 2, “Indicado de Lula em casamento gay”, o mundo a significar vai na mesma linha da 1, acentua-se o risco à nação pela “infiltração” na Polícia Rodoviária Federal da “ideologia de gênero”. Tal ideologia – antecipamos que a afirmação a seguir é sabidamente falsa - pode ser entendida como um tipo de lavagem cerebral global na qual o gênero destrói a estrutura antropológica íntima do ser humano, imposta pelo sistema educacional formal, como escola e universidade e não formal, meios de propaganda, televisão, jornais etc (SCALA, 2012). Obviamente, o mesmo Scala (2012) nega a construção social e cultural do gênero com argumentações falaciosas e falsas, por exemplo, que cada uma seria livre para escolher ser homem ou mulher, mudando de sexo quantas vezes quisesse ou que a pedofilia poderia ser considerada um gênero e assim normatizada. O sujeito falante, ainda que invisível, pelo tom irônico usado em “ex-presidiário”, “luxo” e “boneca” indica ser uma pessoa conservadora e homofóbica. O mundo significado é um mundo onde a esquerda está de volta ao poder e fazendo o que a direita alertou que faria, é dizer, “corrompendo” as instituições. O sujeito falante destinatário aqui são pessoas de direita, mas também quem votou em Lula da Silva, para culpá-los da suposta degeneração da polícia. Nesta peça, a comunicação pretende enganar e também manter a guerra cultural em curso.

Por fim, na peça de desordem informacional 3, “Papai Noel dos Correios gay”, o mundo a significar é um mundo em colapso, em que até o Papai Noel está sendo “sexualizado” e moldado pela supracitada “ideologia de gênero”, como consequência da vitória da esquerda. O sujeito falante é um empreendedor moral de direita, defensor dos valores tradicionais. O mundo significado é um onde todos os valores da família estão em risco. O sujeito falante destinatário é o público em geral, no entanto, o uso de palavras no diminutivo parece indicar um direcionamento a pessoas idosas, que teriam netos em idade de receber presentes no Natal. O efeito pretendido é, por um lado, criar pânico moral e, por outro, atacar a rede Globo.

O conceito de pânico moral, informa Miskolci (2016), foi desenvolvido no ano de 1972 por Stanley Cohen. Explica Miskolci (2016), que a expressão serve para caracterizar o modo como agentes de controle sociais, a imprensa e a opinião pública reagem quando existem determinados rompimentos de padrões considerados normais. Em suma, um pânico moral é:

uma condição, um episódio, uma pessoa ou um grupo de pessoas que passa a ser definido como um perigo para valores e interesses societários; sua natureza é apresentada de uma forma estilizada e estereotipada pela mídia de massa; as barricadas morais são preenchidas por editores, bispos, políticos e outras pessoas de Direita. (COHEN, 1972, p.9).

Baliero (2018) informa que os marcos iniciais das movimentações que usam o gênero para criar pânico morais foram contraofensivas feitas por intelectuais católicos laicos, políticos e até o Papa Emérito Bento XVI à Conferência do Cairo sobre população e desenvolvimento realizada em 1994 e à Conferência Mundial das Mulheres de Pequim, de 1995. Nestes eventos, a sexualidade e o gênero foram trazidos para o meio do debate e passaram a pautar a discussão sobre direitos humanos. No Brasil a questão se inicia a partir de 2010 quando a bancada evangélica - e políticos de direita, como Jair Bolsonaro - começaram a chamar a atenção para materiais didáticos criados pelo Ministério da Educação que visavam combater a homofobia nas escolas (BALIERO, 2018). Como se sabe, tais materiais tornar-se-iam o infame “kit gay”, um dos marcos da nova direita brasileira e de sua forma colérica de fazer política.

Atacar a rede Globo, por sua vez, visa deslegitimar um veículo confiável para emplacar narrativas disruptivas, contraditórias às baseadas na realidade e em fatos corroborados por diversas checagens e por comprovações científicas reconhecidas por pares. Aqui, não deixa de ser interessante como os produtores de desordem informacional utilizam o G1, um site ligado à Globo, para produzir um efeito de sentido de real nas suas mentiras ao mesmo tempo que atacam a TV Globo.

Nos três casos reparamos que o gênero (e a sexualidade), estão sendo utilizados para excluir pessoas de masculinidades que não se adequam a heteronormatividade, principalmente da comunidade LGBTQ+. Constatamos ainda que a nova direita brasileira copia, nas práticas de desordem informacional, estratégias da direita alternativa norte-americana, principalmente o culto à tradição, o medo da diferença, seja ela sexual, de gênero, religiosa ou racial e o culto à masculinidade que tende a manifestar-se numa obsessão pela política sexual (AMBEDKAR apud MARWICK; LEWIS, 2017).

## Considerações finais

Nas três peças vimos ataques a masculinidades subalternas indicando que quem pertence a elas não teria condições de gerir instituições essenciais à nação. Evidenciou-se deste modo que a nova direita é um movimento masculinista que prega a supremacia de homens heterossexuais sobre os demais. Mais do que isso, a presença de gays na liderança representaria o fim das instituições. Tais pontos de vista são absolutamente preconceituosos e não condizem em nada com a realidade pois, e isso é óbvio, a orientação sexual não determina a capacidade de uma pessoa.

Percebemos ainda a chamada "ideologia de gênero" como força motriz na criação de desordem informacional centrada na masculinidade, atuando para criar pânico morais que querem afastar pessoas de masculinidades subalternas (e também mulheres) dos locais de tomada de decisões. Ou seja, se quer conservar a governança nas mãos da elite que sempre rapinou a nação. No bojo na desordem informacional está, certamente, a questão do poder, de como alcançá-lo, de como mantê-lo, de como fazer para dele afastar opositores, inclusive com estratégias oriundas da direita alternativa dos Estados Unidos sendo adaptadas em solo brasileiro.

Desta forma, concluímos que os discursos fundamentados na identidade masculina que produzem desordem informacional nas mídias sociais centram-se no ataque às masculinidades subalternas, na homofobia, na criação de pânico morais, na manutenção da guerra cultural, na produção e disseminação de conteúdos falsos e no intento de deslegitimar veículos confiáveis de comunicação, com destaque para a TV Globo.

## Referências

BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. "Não se meta com meus filhos": a construção do pânico moral da criança sob ameaça. **Cadernos pagu**, Campinas, n. 53, 2018.

CEPÊDA, Vera Alves. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, p. 40-74, 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, v. 2007, p. 11-29, 2005.

COHEN, Stanley. **Folk devils and moral panics: the creation of mods and rockers.** London, Macgibbon & Kee, 1972.

CONNELL, Raewyn. **Gender and power: society, the person and sexual politics.** John Wiley & Sons, 2013.

DEMORI, Leandro. **O criador.** The Intercept Brasil. 18 de Agosto de 2021. Disponível em: <https://theintercept.com/2021/08/18/catolico-espanha-citizengo-treinou-extrema-direita-2013-bolsonaro/>. Acesso em 28 dez. 2023.

DOS SANTOS, Frederico Rios C. O que se entende por retórica da guerra cultural. **Domínios de Linguagem**, p. 1-48, 2020.

FLAX, Jane. Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. Heloisa Buarque de Holanda, org. **Pós-Modernismo e Política.** Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes antropológicos**, v. 4, p. 103-117, 1998.

MARSCHAL, Luciana. Não existe projeto de lei para criar unidade LGBTQ+ no Exército. **O Estado de São Paulo**, online, 22 fev. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/projeto-lei-unidade-lgbt-exercito/>. Acesso em 29 dez. 2023.

MARWICK, Alice; LEWIS, Rebecca. **Media manipulation and disinformation online.** Data & Society Research Institute, 2017. Disponível em: [https://datasociety.net/wp-content/uploads/2017/05/DataAndSociety\\_MediaManipulationAndDisinformationOnline-1.pdf](https://datasociety.net/wp-content/uploads/2017/05/DataAndSociety_MediaManipulationAndDisinformationOnline-1.pdf). Acesso em: 27 dez. 2023.

MISKOLCI, Richard. Sociologia digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**, v.6, n.2, jul.-dez, 2016.

PEREIRA, Catiane. Vídeo de casamento gay não mostra 'indicado de Lula' para direção da PRF. **Lupa**, online, 30 nov. 2022. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2022/11/30/casamento-gay-diretor-prf>. Acesso em 30 dez. 2023.

PRECIADO, Beatriz. Biopolítica del género. **VV. AA., biopolítica, Buenos Aires: Ají de Pollo**, 2007.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. **Masculino, feminino, plural. Florianópolis: Ed. Mulheres**, p. 25-37, 1998.

RIBEIRO, Luís Guilherme Marques; LASAITIS, Cristina; GURGEL, Lígia. Bolsonaro Zuero 3.0: Um estudo sobre as novas articulações do discurso da direita brasileira através das redes sociais. **Anagrama**, v. 10, n. 2, 2016.

SCALA, Jorge. Ideologia de Gênero: o neototalitarismo e a morte da família. **Zenit**, 31 jan. 2012.

SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & realidade. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 71-99**, 1995.

SOARES, Gabriela. É falso que Globo e Correios criaram campanha com 'Papai Noel gay'. **Lupa**, online, 13 nov. 2023. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2023/11/13/e-falso-que-globo-e-correios-criaram-campanha-com-papai-noel-gay>. Acesso em 29 dez. 2023.

WARDLE, Claire. Entender a desordem informacional. 2ed. Nova Iorque: **First draft**, 2020. Disponível em: [https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2020/07/Information\\_Disorder\\_Digital\\_AW\\_PTBR.pdf?x75440](https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2020/07/Information_Disorder_Digital_AW_PTBR.pdf?x75440). Acesso em 28 de. 2023.